

INDAGAÇÃO SOBRE O BELO NO *HÍPIAS MAIOR* DE PLATÃO

Sheila Luz Alves*

RESUMO: O objetivo do presente texto é fornecer um resumo, um comentário sobre o diálogo de *Hípias Maior* ou *Sobre o Belo*, do gênero Anatrético, que tem por finalidade a investigação sobre a natureza do Belo. Este diálogo foi escrito por Platão e tem como personagens o filósofo Sócrates e o sofista Hípias. Os dois personagens, pretendem, neste diálogo, definir o que é o Belo em si. O desenvolvimento desse diálogo começa com uma questão central do texto, o que poderia dizer a respeito, o que é o belo? Nesse diálogo *Hípias Maior* são dadas seis definições acerca do belo, três sugeridas por Hípias e três por Sócrates. A questão colocada, o que é o belo? No diálogo *Hípias Maior* de Platão, não se resolve. Nem Hípias e nem Sócrates em meio as grandes dificuldades para darem uma resposta o que seria o belo, não conseguem responder.

PALAVRAS-CHAVE: Belo. Inspiração poética. Beleza.

1. INTRODUÇÃO

O diálogo de *Hípias maior* ou *Sobre o Belo*, do gênero Anatrético, tem por finalidade a investigação sobre a natureza do Belo. Este diálogo foi escrito por Platão e tem como personagens o filósofo Sócrates e o sofista Hípias. Platão pretende neste diálogo, definir o que é o Belo em si.

* Aluna do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: sheila_luzsilva@hotmail.com. A versão final deste texto foi elaborada para atender as exigências do Curso de Extensão: "Oficina de leitura e produção de textos filosóficos", oferecido pelo *Núcleo de Estudos sobre Imaginário e Linguagem* (NEIL) e coordenado pelo prof. Jasson Martins (Membro do referido Núcleo e docente do Curso de Filosofia da UESB).



O diálogo tem como objetivo descrever a natureza do belo, através de um conceito que o defina. A discussão tem início quando Sócrates e Hípias se encontram, após algum tempo sem se ver, devido às ocupações de Hípias como professor e suas viagens. Após falarem um pouco sobre a educação dos lacedemônios e Hípias vaidoso ter se colocado como capaz de lecionar aos mesmos, aliás, motivo pelo qual o mesmo esteve afastado. Sócrates, com ironia, felicita-o pelos seus feitos e êxitos. Ambos falam sobre os antigos sábios que em sua maioria se afastaram dos negócios públicos, o que julga Hípias ter ocorrido por incompetência, já que ele conseguiu riqueza por fazê-lo. Posteriormente, Sócrates leva a conversa em direção às belas ocupações até chegar ao ponto desejado e introduzir o objeto de investigação deste diálogo.

Hípias maior é um diálogo aporético, aparentemente inconcluso, é um tipo de obra aberta, na qual expõe um problema, mas não o resolve (a essência do belo). Tanto Sócrates como o Sofista Hípias desejam saber o que é o belo em si.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO E LINHAS DE FORÇA DO DIÁLOGO *HÍPIAS MAIOR*

O objetivo do presente texto é fornecer um resumo, um comentário sobre o diálogo de *Hípias Maior* ou Sobre o Belo, do gênero Anatrético, que tem por finalidade a investigação sobre a natureza do Belo. Este diálogo foi escrito por Platão e tem como personagens o filósofo Sócrates e o sofista Hípias. Os dois personagens, pretendem, neste diálogo, definir o que é o Belo em si.

O desenvolvimento desse diálogo começa com uma questão central do texto, o que poderia dizer a respeito, o que é o belo? Nesse diálogo Platão fornece ao menos seis definições acerca do belo, três sugeridas por Hípias e três por Sócrates. A questão principal – o que é o belo? – perpassa todo o diálogo e permanece não



respondida. Nem Hípias e nem Sócrates em meio as grandes dificuldades para darem uma resposta o que seria o belo, não consegue responder.

Hípias Maior é um diálogo aporético¹, ou seja, um típico diálogo que não chega a nenhuma conclusão. É um tipo de obra aberta, na qual expõe um problema, mas não o resolve, qual seja, a essência do belo. Tanto Sócrates como o Sofista Hípias desejam saber o que é o belo em si. Os diálogos aporéticos, são diálogos que, com algumas poucas exceções, se apresentam como ensaios de definição. Nos diálogos aporéticos todos tem opiniões sobre uma questão prévia.

O *Hípias Maior* é um pequeno ensaio que se tem mostrado de consequências doutrinárias as mais ricas e fecundas, ao longo da história do pensamento estético. Pergunta-se sobre a essência do belo, a sua definição rigorosa, própria e adequada, nos moldes socráticos.

No presente diálogo Platão se esforça para chegar à ideia do belo, não lhe apontando nenhuma característica intrínseca. As definições são apresentadas, em número de seis (primeiramente três pelo sofista Hípias e outras três, a seguir, por Sócrates), além de seu valor próprio e positivo pelas propriedades apontadas de modo incompleto e isolado da essência do belo, ainda que não abrangentes da sua natureza – são realmente dignas de aproveitamento e aprofundamento.

Sócrates e o Sofista desejam saber o que é o belo em si e o que torna belos os seres por agregação de uma propriedade ou qualidade adjetiva. O pressuposto evidente da definição é o de que nem todo ser é belo, nem é sempre belo nem igualmente belo em todas as suas partes.

Todas as definições dadas, sejam as do sofista, sejam as sugeridas pelo próprio Sócrates, são de valor permanente e contribuem para o esclarecimento do que é o

¹ Aporético designa o diálogo ou texto que termina em um impasse, deságua em um descaminho ou caminho sem saída. Ao contrário de um diálogo que atinge uma resposta, o Hípias maior, reafirma a cada passo, impossibilidade de definição e suscita problemas.



belo e formam um valioso capítulo da estética. Só em aparência o diálogo é aporético, pois conclui, ainda que parcialmente, incompletamente, através de conclusões fecundas. O belo não é o ouro, mas é resplendor, brilho ou claridade; não é a vida magnífica, mas é plenitude de vida, é o belo-bem; igualmente não é o útil, mas é funcional; não é o conveniente, mas implica ordem, equilíbrio e, finalmente, a última das definições deve assim ser entendida – belo é o que, através da intuição dos sentidos da vista e do ouvido, agrada ou traz alegria. A beleza sensível é fruto de uma intuição e de uma complacência ou prazer ou alegria; a beleza moral e metafísica igualmente é fruto de uma contemplação amorosa e uma intuição mais alta e elevada.

Todas as definições propostas exprimem a generalidade da opinião e não estão em condição de atingir a unidade e a imutabilidade de uma definição segura e decisiva, portanto, isto quer dizer que seja as definições de Hípias como as de Sócrates, não foram válidas em todos os casos e em todas as condições. Todas as seis definições são refutadas. O fechamento é textualmente aporético, a questão colocada o que é o belo em si ela permanece não respondida.

Sócrates havia sido indagado por um de seus interlocutores, um amigo exigente e minimalista no que se referia, a saber, das coisas, (amigo esse que não está presente no diálogo) sobre como discernir o belo do feio e conceituar a beleza objetivamente. Sócrates relata a Hípias que se deparou naquele momento com a impossibilidade de responder a este questionamento, bem como com a irritação consigo mesmo por não poder fazê-lo, por conta dessa incapacidade.

Sócrates aguardava o dia em que encontraria alguém que poderia dar-lhe essa resposta. Percebendo, então, que esse momento havia chegado Sócrates não pestanejou e indagou ao sofista o que é belo, uma vez que não existem critérios



objetivos para definir o mesmo, como os critérios objetivos utilizados para definir se dada coisa é homem, planta, animal etc.

3. O BELO EM SI EM *HÍPIAS MAIOR*

Hípias, no diálogo, representa a opinião da maioria, e ao mesmo tempo ele é considerado dono de um saber supremo, para si e para a sociedade do seu tempo.

Aos olhos de Platão, o sofista Hípias, em primeiro lugar, é descrito com incrível vaidade: homem de espetáculo, que se produzia em espetáculo graças a seus dons oratórios, ele saboreava os aplausos do público e estava persuadido de que todos o admirava. É nesse sentido que a sua vaidade – que vale apenas diante de uma certa ingenuidade – é o que faz ele cair em todas as redes que Sócrates arma (MARTINS, parte I, 2016, p. 2-3).

A pergunta feita por Sócrates ao Hípias “O que é o Belo”? Hípias não dá a devida importância a esta pergunta e a desvaloriza. Ele começa cometendo um erro, por ignorar a diferença entre distinguir um conceito de belo e dar um exemplo de algo belo. Em outros termos, há um equívoco ao tomar as coisas que são belas como se fosse o belo em si. O que é afinal, a filosofia, senão a arte da distinção conceitual? A discordância de Sócrates é notável, apesar de insistir no diálogo.

O sofista Hípias, no diálogo com Sócrates, apresenta a questão do Belo em sua singularidade, ou seja, interessa a ele definir o belo em particular. Sócrates, por sua vez, afirma que, não é possível encontrar uma definição do belo e, portanto, o que está em questão é a *natureza do belo*, ou a busca da *essência do belo*. Hípias tinha dificuldade de definir, de compreender o belo como uma coisa universal. Hípias instaura a questão do belo na singularidade (a beleza é sempre particular). Para Sócrates algo particular não poderia ser belo, uma coisa particular seria relativa.



A definição universal e necessária daquilo que procura –, independentemente da flutuação das opiniões. Temos com isso o caminho seguido por Sócrates na busca pela verdade nos diálogos aporéticos (SILVA, 2008, p. 44).

A questão principal, o argumento central do diálogo é a questão da *essência* da beleza. O que seria o belo? Hípias ao chegar em Atenas, vindo da cidade dos lacedemônios, Sócrates aproveita a oportunidade e lhe pergunta: “Explica-me com precisão o que é o belo e esforça-te por dar-me resposta tão exata quanto possível, para que eu não me cubra de ridículo com outra derrota” (PLATÃO, 2007, 286e). O diálogo segue por uma série de definições a respeito do que seria o belo, apresentadas e refutadas por Sócrates como também de Hípias.

No diálogo *Hípias maior*, Platão visa mostrar que as opiniões apresentadas a respeito do belo são todas inadequadas para a compreensão do valor universal da beleza. Que segundo Giovanni Lombardo:

Sócrates pede ao Sofista Hípias para definir a essência do belo. Não compreendendo bem o sentido da pergunta, Hípias propõe três exemplos, todos relativos a casos particulares e portanto todos refutados por Sócrates. Bela é uma rapariga atraente – mas também um animal (por exemplo, uma égua) ou um objeto bem construído (por exemplo, uma panela) podem ser definidos como belos; e em todo o caso uma rapariga bela será feia quando comparada com uma deusa. Belo é o ouro – mas, como qualquer outro material precioso (por exemplo, o marfim) convenientemente empregue, o ouro só é belo quando se verifique ser necessária a sua função decorativa, porque de outro modo o seu uso pode até revelar-se feio (LOMBARDO, 2003, p. 50-51).

Enquanto Sócrates procura um conceito para o belo em si, Hípias considera coisas que são belas e o belo em si como sendo idênticas ele não faz distinção entre conceito e exemplo. Em termos de filosofia platônica, Hípias não consegue distinguir



a imagem (*eidos*) do sensível². Apesar de não concordar com Hípias, Sócrates também não possui uma teoria definida sobre o belo. Para alguns, certas coisas parecem ser belas, mas para outros não, para uns o belo é equivalente ao útil e para outros não.

No diálogo, as definições, todas elas, são dadas pelos efeitos do belo, por tudo aquilo que o belo causa ou produz ou irradia, deixando de lado o seu constitutivo formal intrínseco ou a intuição de sua essência (CELSO, 2007/2008, p. 95).

Nesse momento Sócrates passa a investir esforços para chegar ao conceito sobre a natureza do belo em si, uma vez que ele acredita que todos os seres são definíveis, inclusive termos não palpáveis como belo e o feio, bem e o mal etc. Hípias, então, passa a assumir um papel passivo no diálogo e, no decorrer deste, são levantadas várias definições sobre o belo. Todas estas definições são a *posteriori* definições da beleza, ou seja, a expressão sensível do belo inteligível.

Hípias responde a questão "o que é o belo"? a partir das coisas designadas como belas. Em todas as definições de Hípias o belo passa por ou possui uma dimensão sensível:

a) A bela virgem:

Hípias – "Compreendo, bom homem, e vou responder a ele o que seja o belo, de forma que não possa refutar-me. Fica, então, sabendo, Sócrates, para dizer-te toda a verdade, que o belo é uma bela jovem" (PLATÃO, 2007, 287e).

b) A bela égua:

² "O plano de Platão e o da definição da essência do belo, do geral e universal, de uma beleza que abrange todo tipo ôntico do belo" (Cf. CELSO, 2007/8, p.115). Diríamos que o plano platônico é "ontológico", no sentido de procurar a essência geral da beleza.



Sócrates – Como és, encantador, Sócrates, me diria; é uma bela égua, não será bela também, visto o próprio Deus a ter elogiado no oráculo? – Que lhe responderíamos, Hípias? Podemos deixar de dizer que uma bela égua não é bela? Como nos atreveríamos a negar que o que é belo não é belo?

Hípias – Tens razão, Sócrates; está muito certa a divindade em falar dessa maneira. Entre nós também há éguas admiráveis (PLATÃO, 2007, 288c).

c) A panela:

Sócrates – Então, ele dirá que uma bonita panela também é bela? Responde.

Hípias – O que eu acho, Sócrates, é o seguinte: qualquer utensílio desse tipo terá de ser considerado belo quando for bem trabalhado [...] (PLATÃO, 2007, 288e).

d) O ouro:

Hípias – [...] O belo, a respeito do qual me interrogas, não é senão o ouro, ele ficaria confuso e não persistiria em contestar-se. Todos nós sabemos que o objetivo a que acrescentaremos ouro, por mais feio que fosse antes, fica bonito com esse ornato... (PLATÃO, 2007, 289e).

e) O marfim:

Sócrates – [...] Por não haver feito de ouro, continuara, nem os olhos de Atenas, nem o resto do rosto, os pés e as mãos, para deixá-los mais belos com esse ouro, porém de marfim. É evidente que ele errou por ignorância, pois não sabia que tudo o que leva ouro fica mais belo. – Diante dessa pergunta, Hípias que lhe responderíamos?

Hípias – Não é difícil. Dir-lhe-íamos que Fídias acertou, pois o marfim, segundo penso também é belo (PLATÃO, 2007, 290b-c).



A primeira definição apontada por Hípias é a de que o belo é descrito como aquilo que lhe parecia ser mais belo no mundo, o eterno feminino, como uma bela virgem. Nessa definição temos um fundo sexual voltado para beleza do Eros, no entanto, Sócrates rejeita tal definição, pois para ele a questão do belo não pode ser uma questão de caráter particular. Algo particular não pode ser belo. Para Sócrates uma coisa particular seria relativa, ao passo que nem todas as belas são virgens e nem todas as virgens são, necessariamente, belas.

“Sócrates aceita a conveniência como paradigma e propõe, em seguida, um outro exemplo, o de uma “bela égua”, como sendo a mais nobre conquista do homem, depois da mulher, como o enuncia com uma graciosidade que se quer bem viril” (MARTINS, parte II, 2016, p.23).

Essa definição de Hípias cai por terra quando ele mesmo afirma que coisas simplórias não podem ser usadas como exemplo num assunto de tamanha importância e que uma bela panela não pode ser comparada a uma bela moça, por exemplo. Por serem belezas distintas, assim sendo não pode ser o belo em si, o belo que só possui beleza, mas não agrega beleza a nada.

Uma segunda definição para Hípias é a associação da beleza com a riqueza, é a de que o belo é o ouro, que agrega valor a tudo em que ele esteja presente. Seria a beleza embelezadora, pois qualquer objeto por mais feio que possa nos parecer, ao ter em si acrescentado o ouro se tornará também belo e de valor.

Mais uma vez Sócrates refuta dizendo que a estátua da deusa de Atenas, que é bela é feita de marfim é bela sem a necessidade de ouro. Este fato, no entanto, não a fez menos bela. Nesse sentido, sendo o marfim belo caso seja apropriado, ou feio caso não o seja surge uma nova definição: a conveniência.



Uma terceira definição é de que o belo é aquilo que é útil. E mais uma vez o sofista Hípias é ridicularizado, neste contexto da conversa aparece o exemplo da colher de madeira.

Sócrates – Então, Perguntará: Que convém mais à panela, a bonita, cheia de bons legumes: uma colher de ouro ou uma de pau de figueira?

Sócrates – [...] Talvez a de pau de figueira? Deixa os legumes com aroma; sem falarmos, companheiro, que não há perigo de quebrar a panela nem derramar o caldo e privar de um prato apetitoso os que já se dispunham a saboreá-lo. Com a de ouro tudo isso poderia acontecer. A meu ver devemos concluir que a colher de pau é a mais indicada do que a de ouro [...].

Hípias – Sem dúvida é a mais indicada [...] (PLATÃO, 2007, 290de-291a).

O que seria mais conveniente, ou seja, mais, apropriado para cozer um purê, uma colher de ouro ou uma colher de madeira? Sócrates demonstra que em se tratando de cozinhar um belo purê de legumes, a colher de madeira seria mais apropriada e conveniente, e, portanto mais bela. Para o Sofista Hípias, o termo apropriado tem a ver com o sensível, o apropriado é o que faz parecer belo. Em todas as definições dadas por Hípias a respeito do belo, o belo é perpassado pelo sensível.

Independentemente da matéria que a constitui, a beleza provém, portanto, do perfeito ajustamento da substância, composta de matéria e forma, com a finalidade de prescrever seu uso. Este princípio se revela, imediatamente, insuficiente, visto que ele aliena (separa) a beleza da utilidade, instituindo, portanto, que o valor da obra de arte vale por si mesmo, independente da utilidade ou de todo fim exterior a que se destina. É isso que acontece: a passagem da efígie da deusa Atenas aos instrumentos de cozinha, como a colher de figueira que é mais bela, se comparada com a colher de ouro, só é possível se o pressuposto for a conveniência (MARTINS, parte III, 2016, p. 26).



Hípias afirma ser a colher de ouro a mais bela, devido o seu valor e Sócrates concorda. Para Sócrates, no entanto, a beleza não está somente na matéria prima utilizada, caso a colher de madeira fosse feita, artisticamente, cheia de detalhes, poderia sim ser mais bela que a de ouro, num modelo mais simplório. Ambos chegam à conclusão de que o apropriado, o que convém a cada coisa é o que faz com que pareçam belas e não é, portanto, o belo em si.

O núcleo do argumento deixa aqui entender que, a beleza é aquilo que convém, então, existe uma beleza para as coisas mais comuns e até para as mais vis, ao menos segundo o julgamento que realizam os homens livres sobre os instrumentos de trabalhos servis (MARTINS, parte III, 2016, p. 28).

Hípias se lembra que eles estão a procura de uma beleza que nunca pareça feia, uma beleza jamais vista e, utilizando-se de características já citadas, propõe uma nova definição para o belo: seria as honrarias, a magnificência, a plenitude de vida física e social.

Hípias – Direi, então, que sempre e em toda a parte, para qualquer pessoa, o que há de mais belo é ser rico gozar saúde, ser honrado pelos Helenos, chegar a velhice e, assim como sepultou condignamente os pais, ser sepultado pelos filhos, por maneira bela e suntuosa (PLATÃO, 2007, 291e).

Para Sócrates essa definição não tem aplicação universal, em todos os lugares, tempos ou circunstâncias, uma vez que existem coisas vergonhosas para alguns indivíduos de determinado clã e que são belas para outros indivíduos de igual origem.

A quarta definição a respeito do belo, é que o belo é conveniente. Segundo Celso Lemos “[...] após estas considerações, volta o diálogo a repensar o problema da conveniência, a saber, se a conveniência é o que em um objeto, o faz parecer belo, ou



o que faz belo na realidade ou devemos recusar uma e outra destas alternativas” (LEMOS, 2007/8, p. 103).

A quarta definição afirma que todos os caminhos apontados pelo sofista Hípias, na tentativa de definir a essência do belo, são perpassados pelo sensível e, por isso mesmo, todas são rejeitadas por Sócrates, que nesse momento, mostra-se desanimado com os caminhos até agora percorridos. Ele apresenta, pela primeira vez, a sua definição do que seria o belo, afirmando que o belo seria tudo aquilo que nos é útil, sendo, então, tudo aquilo que é inútil o feio.

O belo é, em seguida, definido como aquilo que é útil (*toôphelimon*), ou seja, vantajoso, proveitoso (295c-297e). Finalmente o belo é definido de maneira, digamos, mais “estética”, ou seja, como aquilo que procura dar à vista e ao ouvido um prazer sensível, esta dualidade coloca o difícil problema de sua unidade ou de sua pluralidade (297e-303d) (MARTINS, parte I, 2016, p. 11).

Este critério, no entanto, quem faz algo útil o faz por capacidade, porém quem erra involuntariamente por não ser capacitado para determinada coisa não pode ser considerado inútil ou feio. Ademais existe beleza em coisas inúteis, por exemplo, um enfeite. Se o útil for, simplesmente, equiparado ao eficaz, não seria o belo, mas o útil considerado não somente como eficaz, como também vantajoso, pode ter todos os requisitos do conceito do belo. Nem tudo aquilo que é belo é útil, tal como nem tudo aquilo que é útil é belo.

Todas as definições que vimos até aqui, aproximam a visão de belo à de bem. Nesse ponto do diálogo Sócrates apresenta a relação entre o belo e o ético, já que só quando é usado para o bem é que se pode afirmar que algo seja belo, assim sendo o belo passa a ser o que entendemos como vantajoso e proveitoso, tendo em vista a utilidade.



A quinta definição é que o belo é o útil. Sócrates, após ter rejeitado todas as definições a respeito do belo, fornecidas por Hípias, parte para as suas definições a respeito do belo. O belo é, então, aquilo que pode ser entendido como vantajoso e proveitoso.

O belo é o útil vantajoso, eis uma nova tentativa de definição de Sócrates. O útil considerado como o simplesmente *eficaz* (o que apenas serve a um bom ou mau fim) mostrou-se inadequado para a definição do belo; todavia o útil considerado não somente como eficaz, mais ainda como *vantajoso* teria todos os requisitos do conceito do belo (LEMOS, 2007/8, p. 105).

Consideramos belo o que é útil, e “o útil (*to khrêsimon*) é o proveitoso, o vantajoso, aquilo que se pode tirar partido” (MARTINS, parte III, 2016, p.30). E o conveniente é próximo do útil, a beleza é entendida como eficaz para se obter, o resultado mais desejado. “A partir de agora o útil designa apenas uma confusão potência, a vantajosa é o potência da ciência que visa, portanto, o bem e não o mal e permite deste modo, compreender uma existência não ainda perfeita em sua plenitude” (MARTINS, parte III, 2016, p. 31).

As definições objetivas da bela forma, segundo o princípio do conveniente, do útil ou do vantajoso, sucede agora uma nova definição que pode ser caracterizada como subjetiva: o belo é o agradável, quer dizer, é aquilo que procura o prazer naquilo que experimenta. Inversamente temos: a beleza não é mais pensamento como uma propriedade do objeto, mas como sentimentos do sujeito (sentimento de prazer). Passa-se, assim, da teoria do belo à uma análise do sentimento estético (MARTINS, parte III, 2016, p. 32-33).

Já a sexta e última definição a respeito do belo, segundo Celso Lemos, é que “(belos são os prazeres provenientes do ouvido e da vista), sugerida por Sócrates e



rejeitada parcialmente, é de todas elas a mais completa e abrangente, se relativa ao bem sensível ou estético” (LEMOS, 2007/8, p.106).

Dentre todas as definições, essa é mais abrangente no tocante ao bem sensível ou estético, ainda assim essa definição é rejeitada. A sua rejeição se deve, resumidamente, pelos seguintes motivos:

- a) falta de um elo que una os prazeres da vista e do ouvido;
- b) por conta dos demais sentidos, não serem considerados igualmente belos, sendo eles também proporcionadores de prazeres;
- c) porque a beleza moral, oriunda das leis e costumes, não vem de um prazer fornecido pela visão ou audição.

4. A BUSCA PELA ESSÊNCIA DO BELO

O filósofo Sócrates define o belo como aquilo que nos possibilita o prazer através da visão e audição, ou seja, o belo é aquilo que é atravessado pelos sentidos, em especial, pela visão e audição. Esta caracterização do prazer, ao estabelecer que o é possível conhecer o que é belo pelos sentidos é uma novidade no discurso de Sócrates. Mas logo, em seguida, Sócrates refuta essa ideia, pois existem também prazeres incontestáveis proporcionados pelo olfato, pelo tato e pelo paladar, assim como pode existir beleza sem prazer sensível.

A discussão entre Sócrates e Hípias gira principalmente em torno da beleza sensível, belo estético e das artes visuais e sonoras, mas o diálogo se refere igualmente à beleza moral e às das leis, dos costumes, das instituições, da vida magnífica, da honraria, da glória e talvez das Ideias. Por duas vezes Hípias afirma que o problema da conceituação do belo é simples ou insignificante. À parte a ironia e a caricatura na apresentação do sofista, esta afirmação inicial é de postura dramática. A dificuldade na solução do problema proposto, definir o belo, vai crescendo em dificuldade até a



desesperada resolução final de não encontrar-se uma definição adequada e própria, sem ter sido, todavia, inútil o caminho trilhado com tanto empenho, pois o debate deu ocasião a um melhor entendimento do provérbio de que “as coisas belas são difíceis” (LEMOS, 2007/8, p. 114).

Desde o início do debate do diálogo de *Hípias maior*, Sócrates e o Sofista Hípias se situam em planos diferentes. Hípias se situa no plano como o belo em particular; e Sócrates se situa no plano como o belo em universal. Já “O plano de Platão é o da definição da essência do belo, do geral e universal, de uma beleza que abrange todo tipo ôntico do belo” (cf. LEMOS, 2007/8, p. 115). Diríamos que o plano platônico é “ontológico”, no sentido de procurar a essência geral da beleza:

Para Hípias é belo tudo aquilo que é estimado como tal pela assembleia dos homens livres. É, portanto, *a partir do postulado da sabedoria da opinião* que se desenvolve todo o seu pensamento e todos os casos particulares se curvarão a este princípio. Para Platão, que declara não saber aquilo que é a beleza é necessária, ao contrário, partir das afirmações singulares da beleza para tentar remontar, por indução a lei da beleza (MARTINS, parte III, 2016, p. 36-37).

A beleza aqui estudada pelo filósofo Platão e o sofista Hípias, mostra a oposição dos dois métodos. Para Hípias após colocar as definições iniciais, ele se situa como o belo em análises particulares. Já “Para Platão, toda definição exposta pela primeira vez, não passa de um pré-conceito; é preciso, inicialmente, realizar uma minuciosa análise antes de chegar à verdadeira definição que deve ser o resultado de uma investigação” (MARTINS, parte III, 2016, p. 36).

Depois de Sócrates e Hípias tentarem, ao longo do diálogo, uma conclusão satisfatória para o belo, todas as conclusões que encontram não satisfazem. Sócrates, quase no final do diálogo, chega à conclusão que “eles devem dar por satisfeitos que



o belo não é bom nem o bom é belo” (PLATÃO, 2007, 297c). Mas essa conclusão não satisfaz nem a Hípias nem ao próprio Sócrates.

A questão colocada, o que é o belo? No diálogo *Hípias Maior* de Platão, ela permanece não respondida. Nem Hípias e nem Sócrates, em meio as grandes dificuldades para darem uma resposta o que seria o belo, não consegue responder satisfatoriamente à questão.

5. CONCLUSÃO

Ao longo do diálogo podemos notar a dificuldade em cumprir a tarefa proposta encontrar um conceito que defina o belo, assim ao final do mesmo somos surpreendidos e de certa forma decepcionados, pois Sócrates, apesar de ter se deleitado durante esse diálogo, durante a investigação da natureza do belo, afirma não poder definir o mesmo em um conceito, já que nas palavras do próprio Sócrates, “O belo é difícil”.

Deste modo a questão não se resolve dentro desse diálogo, cujo caráter é ser aporético, ou seja, sem conclusão. No entanto, o contexto do diálogo evidencia que o mesmo não se findou por falta de uma conclusão, mas sim por falta de oportunidade para um maior aprofundamento, sendo assim os interlocutores o interromperam julgando ser melhor assim.

No final do diálogo, após a confirmação de que uma definição do belo não foi alcançada, conclui-se o diálogo sem ter encontrado uma definição para o que é o belo. Nasce depois desse diálogo uma estética que correlaciona o belo com o bem, a moral, a verdade e segue-se a ele muitos outros escritos de Platão, alguns, inclusive, retomando o objeto de investigação deste: o belo.



REFERÊNCIAS

BENSON, Hugh H. (ORG.). **Platão** Porto Alegre: Artmed, 2011.

LEMOS, Celso. Atualidade do diálogo *Hípias Maior*, de Platão. **Kléos**, n. 11/12: 2007/8, p. 93-142.

LOMBARDO, Giovanni. **A estética da Antiguidade Clássica**. Lisboa: Estampa, 2003.

MARTINS, Jasson. **O belo e o sensível**: comentário ao diálogo *Hípias maior* – Parte I. Vitória da Conquista: UESB, 21.03.2016, 12p. Não publicado.

_____. **O belo e o sensível**: comentário ao diálogo *Hípias maior* – Parte II. Vitória da Conquista: UESB, 28.03.2016, 12p. Não publicado.

_____. **O belo e o sensível**: comentário ao diálogo *Hípias maior* – Parte III. Vitória da Conquista: UESB, 04.04.2016, 16p. Não publicado.

PLATÃO. **Cristão – Menão – Hípias maior e outros**. 2 ed. Belém: EDUFPA, 2007.

SILVA, Humberto Pereira da. A atividade Socrática posta diante das do Sofistas – Sócrates: Mestre ou Antimestre? **Mirandum**, n. 19 CEMOrOc Feusp Univ. do Porto, 2008, p. 43-64.



Sheila Luz Alves

<http://lattes.cnpq.br/6728298409995077>

